



Mauro Borges (esq) tenta fazer Eymael desistir da candidatura

PDC pode decidir sábado uma coligação com o PDT

Totalmente rachado, com cinco candidatos a presidente da República tentando se alojar no partido, através de uma coligação, além de um pretendente a candidato na pessoa do deputado José Maria Eymael (SP). É assim que o PDC chega à sua convenção nacional, neste sábado, quando os 150 delegados decidirão o rumo que vão tomar na sucessão presidencial.

"Estamos conversando com todos os candidatos. A procura grande é sinal de que o partido é bem visto", afirma Mauro Borges (GO).

Quem quer que seja o vencedor, terá garantido 10 minutos diários nos programas do TSE, tempo este assegurado para os partidos com mais de 20 parlamentares. O PDC tem 18 deputados e quatro senadores, que individualmente, com exceção do senador Mauro Borges, pesarão pouco na decisão final. As apostas estão sendo feitas por Borges, que defende uma coligação com o PDT de Leonel Brizola e pelos três governadores, Siqueira Campos (TO), Amazonino Mendes (AM) e Epitácio Cafeteira (MA). Os dois primeiros estão praticamente fechados com o candidato do PRN, Fernando Collor. Cafeteira tem evitado se expor, temendo ser rejeitado pelo

partido e pelo candidato, em função de sua proximidade com o presidente Sarney.

ORATÓRIA

Mesmo reconhecendo que é fraco em oratória, o presidente do PDC, senador Mauro Borges, promete caprichar o máximo para fazer de Leonel Brizola o vencedor da convenção. Ele relaciona um a um dos candidatos, para constatar que "nenhum deles tem sido tão pelegador" quanto o ex-governador do Rio.

Borges em Goiás e Brizola no Rio Grande do Sul foram os únicos governadores que tentaram resistir contra o golpe militar de 1964. "Um passo quase romântico", reconhece hoje Borges, "tendo em vista o tamanho do ataque".

A convenção do PDC encerrará provavelmente o melhor ciclo do partido. Ele foi cobiçado por todos os tipos de candidato, saindo da estigmatização de um partido de direita para atrair nomes como Brizola e Mário Covas. O senador João Menezes (PFL-PA), espécie de cabo eleitoral do ministro do Exército, Leônidas Pires, tentou atrair o partido. Na crise com Ulysses, o governador Newton Cardoso, de Minas, também surgiu como um de seus candidatos a presidente da República.